



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS**  
**FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO (FADECAM)**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS NATURAIS**

**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS RITUALÍSTICAS E MEDICINAIS NA  
COMUNIDADE ILHA TRAMBIOCA, BARCARENA, PARÁ**

**ANGELLE SANTOS SILVA**

**Abaetetuba-PA**  
**Julho, 2019**

**ANGELLE SANTOS SILVA**

**UTILIZAÇÃO DE PLANTAS RITUALÍSTICAS E MEDICINAIS NA  
COMUNIDADE ILHA TRAMBIOCA, BARCARENA, PARÁ**

Artigo elaborado para a Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura plena em Educação do Campo/ Ciências Naturais.

Orientador Prof. Dr. Ronaldo Lopes de Souza

**Abaetetuba-PA  
Julho, 2019**

## AGRADECIMENTOS

Quero acima de tudo agradecer a Deus, sempre presente em minha vida, dando força e coragem para que este sonho se realizasse.

Aos meus pais, Admilsom e Arcileia, meus fieis escudeiros, por me apoiarem sempre, obrigada pelo incentivo, confiança e principalmente pelas preciosas orações.

Ao meu irmão, Andreives, por nunca ter reclamado esses quatro anos de ter acordado às 05:00h da manhã todos os dias para me levar para estrada para pegar o escolar.

Aos meus irmãos, Adeivy e Andrey, pelas muitas vezes que contribuíram comigo financeiramente sem nunca reclamar.

A minha irmã, Adrielle, principalmente no último semestre, que junto com a minha mãe cuidaram do meu filho para que eu pudesse concluir o curso.

Aos primos(as) que me ajudaram de alguma forma, especialmente ao Nélio pelas caronas, ao Nivaldo e a Aline pelas impressões e xerox gratuitas, ao Genielson pela parceria. E ao meu amigo Lucinaldo que disponibilizou o seu wi fi.

As minhas grandes amigas Wanessa e Clarice que seguraram na minha mão e me deram força e incentivo nas minhas fraquezas.

As minhas chegadas amigas-irmãs, Marcileide, Suzete, Iêda e Lucinete que nestes quatro anos se tornaram minhas parceiras inseparáveis no curso e que levarei para toda a vida.

A comunidade Camurituba Beira, em especial à igreja católica Nossa S<sup>ra</sup>. do Perpétuo Socorro, a qual faço parte.

Ao Samuel, proprietário do Expresso Rural, por esses quatro anos de condução nos dias que eu não ia no escolar.

A todos que foram responsáveis no decorrer destes quatro anos do transporte escolar do estado.

A minha tia Aldenora parceira incomparável, assim como também minha tia Izodete que me cedeu sua casa na cidade por quase dois anos.

A professora Msc. Maria das Graças que foi a princípio minha orientadora.

Ao meu orientador professor Dr. Ronaldo Lopes por ter aceitado me orientar, obrigada pela compreensão e sua imensurável paciência comigo.

Enfim, quero agradecer a todas as pessoas, meus parentes, que me ajudaram de alguma forma a realizar este sonho.

**Obrigada a todos!!!**

## RESUMO

A relação do homem com mundo vegetal é estudada pela etnobotânica, onde também está inserida a farmacologia, a botânica, a antropologia, a agronomia, a ecologia. Assim, buscou-se fazer o levantamento etnobotânico das plantas medicinais que são consideradas como místicas na comunidade ilha Trambioca, Barcarena, Pará. Os colaboradores foram selecionados por uma abordagem não probabilística “bola de neve” (*snowball sampling*). Para coleta dos dados foi aplicado um questionário semi-estruturado, permitindo a flexibilização e o dialogo durante as conversas com os participantes da pesquisa. As amostras vegetais foram coletadas por meio de turnê guiada. Na análise de dados verificou-se o perfil dos entrevistados e o conhecimento botânico. Foram citadas 55 etnoespécies, sendo que 52 foram identificadas botanicamente, distribuídas em 27 famílias e 41 gêneros. As famílias que se destacaram neste estudo como as mais representativas foram Lamiaceae (8 espécies), Euphorbiaceae (4 espécies), Bignoniaceae, Asteraceae, Rutaceae, Zengiberaceae e Fabaceae com (2 espécies cada). A flora medicinal da ilha Trambioca possui elevada diversidade de espécies e seus moradores apresentam grande conhecimento a respeito desta fitofarmacopeia. As diversas formas de preparos e usos dos remédios caseiros produzidos, usando as plantas medicinais, constituem uma alternativa para o tratamento de doenças do corpo e do espírito.

**Palavras-chave:** Etnobotânica. Plantas medicinais. Plantas medicinais místicas.

## ABSTRACT

The relationship between man and the plant world is studied by ethnobotany, where pharmacology, botany, anthropology, agronomy and ecology are also included. Thus, the ethnobotanical survey of the medicinal plants that are considered as mystical in the island community of Trambioca, Barcarena, Pará was carried out. The collaborators were selected by a non-probabilistic approach "snowball sampling". To collect the data, a semi-structured questionnaire was applied, allowing flexibility and dialogue during the conversations with the research participants. Plant samples were collected through a guided tour. In the analysis of the data the profile of the interviewees and the botanical knowledge were verified. Fifty - five ethnoespecies were cited, of which 52 were identified botanically, distributed in 27 families and 41 genera. The families that stood out in this study as the most representative were Lamiaceae (8 species), Euphorbiaceae (4 species), Bignoniaceae, Asteraceae, Rutaceae, Zengiberaceae and Fabaceae with (2 species each). The medicinal flora of Trambioca Island has a high diversity of species and its residents have a great knowledge about this phytopharmacopoeia. The various forms of preparation and use of the home remedies produced, using medicinal plants, are an alternative for the treatment of diseases of the body and of the spirit.

Key words : Ethnobotany. Medicinal plants. Mystical medicinal plants.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	8
2.1. OBJETIVOS GERAIS .....	8
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	9
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	9
3.1. LOCAL DA PESQUISA .....	9
3.2. AMOSTRAGEM E COLETA DOS DADOS .....	10
3.3. IDENTIFICAÇÃO BOTÂNICA E ANÁLISE DOS DADOS .....	11
<b>4. RESULTADOS E DISCUSÃO</b> .....	12
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	18
<b>6. AGRADECIMENTOS</b> .....	19
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	19

## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade, o ser humano adquiriu e acumulou muitos conhecimentos a respeito do meio que está ao seu redor, através da observação dos fenômenos que ocorriam na natureza e de suas experiências com os recursos que lhes eram disponíveis, e um desses vastos conhecimentos adquiridos é a respeito do uso de plantas (ANDRADE; CARDOSO; BASTOS, 2007; MOREIRA et al., 2002).

A relação do homem com mundo vegetal é estudada pela etnobotânica, sendo que esta estuda tanto as comunidades antigas como também as atuais, também é abordada na etnobotânica as influências ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ALEXIADES, 1996), ou seja, ela analisa e estuda as informações populares que o homem domina em relação ao uso das plantas (MARTINS et al., 2005).

As plantas têm papel muito importante para o homem, e ele adquiriu no decorrer de sua trajetória diversas maneiras de dominá-las, e essas várias formas de domínio das plantas estão englobadas em diferentes áreas de estudos etnobotânicos, dentre os quais estão inseridos a farmacologia, a botânica, a antropologia, a agronomia e a ecologia (POSEY, 1987; ARAUJO; ALBUQUERQUE, 2009).

Dentro dos estudos etnobotânicos as plantas têm diversa categorias, como por exemplo, a categoria das plantas alimentícias, das plantas ornamentais, plantas medicinais, das plantas místicas, entre outras (SILVA; ANDRADE, 2005).

Kinupp e Barros (2007) denominam as plantas alimentícias como as que têm uma ou mais partes ou produtos empregados na alimentação humana, como: raízes, tubérculos, bulbos, rizomas, cormos, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes ou ainda látex, resina e goma, ou que são usadas para obtenção de óleos e gorduras comestíveis.

Almeida (2011) diz que de acordo com a RDC n. 14, publicada no dia 05 de abril de 2010, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) planta medicinal: é “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos”.

A categoria de plantas místicas é usada pelo homem em rituais, usada como planta mágica, elas também são usadas para cura de males espirituais, como protetoras e em profecias (ROCHA et al., 2015; SILVA, 2014; CAMARGO, 2012; FLERCK; POLLETO, 2012). Segundo Almeida (2011) esta relação pode ser comprovada através de seus usos nas portas, como guardiãs, na fabricação de pequenos amuletos, no preparo de banhos, incenso e chás.

As plantas místicas englobam diversas maneiras de uso das plantas para fins espirituais, sendo esta usada pelo ser humano com o propósito de cura física e espiritual (SCHARDONG; CERVI, 2000), “cura do corpo e da alma” (ALMEIDA, 2011). Para Souza et al. (2012) a espiritualidade esta relacionada a religiosidade e a religiosidade faz com que o homem discipline suas ideias a respeito do que ele pensa sobre sagrado, de forma a obedecer doutrinas e regras. Oliveira e Trovão (2009) falam que a junção ou mistura de cultos ou de doutrinas religiosas no Brasil em seus diversos aspectos, sendo estes o espelho da influência de povos vindos da Europa e da África associados à população indígena, são os responsáveis por uma grande herança de práticas ritualísticas que o povo no decorrer de sua trajetória usa.

o uso de plantas em seus rituais religiosos, como Umbanda e Camdonblé, se dá nos banhos, nas bebidas dos rituais, comidas votivas, remédios, nas cremações em incensórios, cachimbos, cigarros e charutos, nos ritos de iniciação, assim como também em oferendas (SOUZA et al., 2012). Neto e Alves (2010) enfatizam que é partindo desta ótica que a natureza passa a se tornar intocável e divina como também a parte integrante fundamental das religiões influenciadas ou de origem africana, inclusive a medicina vegetal é vista como um dom divino (ALMEIDA, 2011).

Os estudos sobre plantas místicas se iniciaram na colonização do Brasil quando os jesuítas começaram a dar importância para a confiança que os negros e os índios depositavam sobre as mesmas. Segundo Almeida (2011) a pessoa que segue e conhece a medicina vegetal adquirirá a capacidade de curar com as plantas e também com palavras rituais as pessoas doentes que lhes procurarem para tal fim.

Estudos sugerem que há um vínculo muito forte destes ritos afro-brasileiros, como na macumba, umbanda e camdoblé e os ritos indígenas com a medicina mágica, através do uso de plantas místicas e das mais variadas formas de uso destas. Podendo variar desde plantas para espantar o mal olhado, para ser usada como amuleto ou como guardiã nas portas das casas, para benzer crianças ou nos banhos tradicionais, como o banho de cheiro, na aplicação delas em partos até simplesmente o emprego delas em rituais religiosos e várias outras formas de uso das plantas medicinais com finalidade mística (CARMO et al., 2015; ROCHA, 2014; TRINDADE, 2012; ALMEIDA, 2011).

Portanto, devido esta ser uma categoria de uso de plantas que explora o aspecto sobrenatural e também alcançar o mundo biológico, faz-se necessário a realização de estudos para que se faça o resgate da valorização das mais variadas utilizações e indicações das plantas medicinais, fazendo a relação de seus usos com outras pesquisas, evidenciando que estes são saberes que possuem fundamentos para suas indicações.

Fazer a relação deste trabalho com o curso Educação do Campo é fundamental para demonstrar a importância deste à pesquisa, pois ele trata o tema plantas com a percepção de que o camponês é o acervo mais completo em relação ao assunto, porque ele domina o conhecimento a respeito deste tema desde o cultivo até suas aplicabilidades e serventias na vida do humano. A passagem neste curso faz com que você detenha conhecimentos diversos sem perder suas raízes.

Este trabalho da oportunidade de mostrar que o Curso Educação do Campo já vem fazendo este resgate de valorização do conhecimento das pessoas oriundas do campo, assim como também impede que o conhecimento desse povo se acabe, pois há o registro, a documentação deste bem precioso que é o conhecimento.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVOS GERAIS**

Fazer o levantamento etnobotânico das plantas medicinais que são consideradas como místicas na comunidade ilha Trambioca, Barcarena, Pará.



## 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Elaborar um listas das plantas medicinais que são consideradas como místicas na comunidade ilha Trambioca, Barcarena, Pará;
- II. Discutir a relação dos moradores da comunidade Ilha Trambioca e as plantas no aspecto religiosos;

## 3. MATERIAIS E MÉTODOS

### 3.1. LOCAL DA PESQUISA

A cidade de Barcarena (01°23'21"S e 48°37'33"W) é limitada em grande parte pela Baía de Marajó e recortado por inúmeros rios, furos e igarapés, caracterizando-se como área de estuário (SOUZA, 2005). A área total do município é de 1.316,2 Km<sup>2</sup> e seu território é dividido por pequenas ilhas, tais como: Ilha do Arapari, Mucura, Ipiranga, Onças, Trambioca e outras (CARMO, 2016).

A Ilha Trambioca está situada no município de Barcarena (01°23'-01°S' e 48°36'-48°42'W) (SOUZA, 2005), abrangendo uma área de 8.486 há banhada pelos rios Mucuruçá, furo do Arrozal, rio Carnapijó e baía do Marajó. O clima é quente equatorial, a precipitação anual é superior a 2.500mm, com estação chuvosa entre janeiro a junho e mais seca nos últimos meses no ano. A vegetação, basicamente, é constituída por matas primárias de terra firme, capoeira, mata de várzea, campinas arenosas e praias de água doce (SIMONIAN, 2006; AMARAL, 2002).

As comunidades distribuídas ao longo da ilha, geralmente, ocupam ambientes ribeirinhos e de terra firme. Duas delas, Arrozal e Carmelo, têm extensões na parte continental, no furo Arrozal e no rio Mucuruça, respectivamente (SIMONIAN, 2004). A principal via de acesso à ilha é feita através da travessia de balsa e pequenas embarcações do rio Mucuruçá, em frente à sede municipal. No interior da ilha Trambioca há a rodovia transtrambioca, da qual se ramificam 25 ramais, garantindo a circulação dos trambioquenses pelas 18 comunidades distribuídas ao longo da ilha. Na extensão litorânea da Trambioca situam-se praias de água doce, sendo as mais

frequentadas pelos turistas a do Sirituba e de Cuipiranga (LOPES, 2004). Abaixo o mapa de localização. Onde esta o estado do Pará, e nele o município de Barcarena, onde esta situada a Ilha Trambioca.

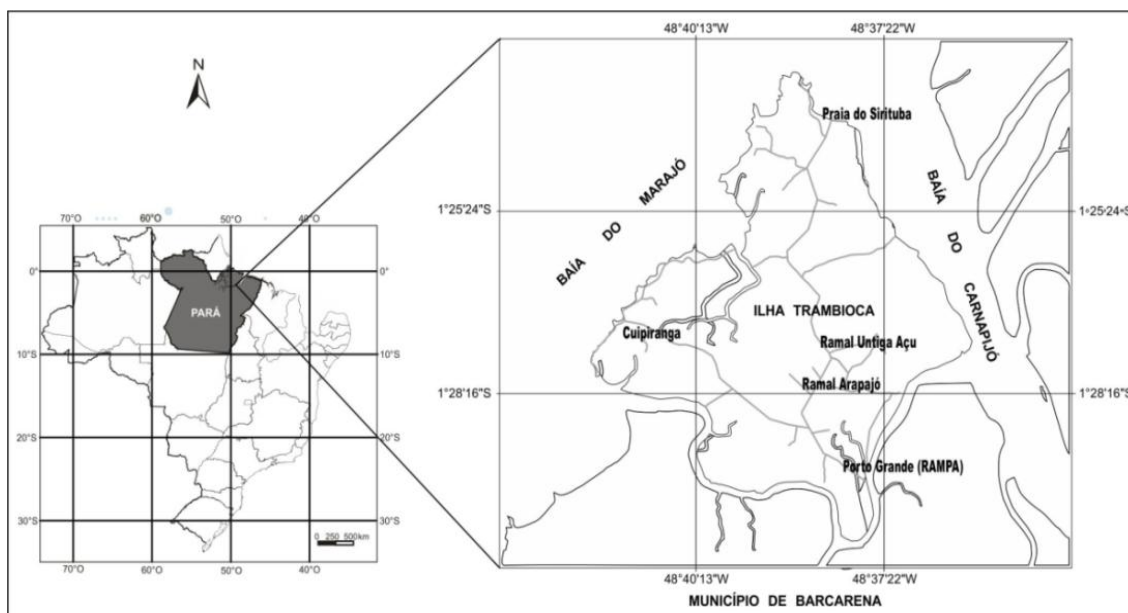


Figura 1. Mapa do Pará e localização do município de Barcarena, onde se encontra a localidade Ilha Trambioca, Pará.

### 3.2. AMOSTRAGEM E COLETA DOS DADOS

Os colaboradores foram selecionados por uma abordagem não probabilística “bola de neve” (*snowball sampling*) (ALBUQUERQUE et al., 2010), este método consiste em selecionar o primeiro participante que indicará o segundo e este indicará o próximo e assim sucessivamente. O contato inicial com a comunidade ocorreu através de um líder comunitário, que indicou o primeiro participante e que recomendou o próximo, repetindo-se o processo a partir de novos incluídos.

A pesquisa ocorreu nos meses de janeiro a dezembro de 2018 e teve sua aprovação no Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará sob parecer 2.481.505. Encontra-se cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), sob o número AD89C0B.

Para coleta dos dados foi aplicado um questionário semi-estruturado, permitindo a flexibilização e o diálogo durante as conversas com os participantes da pesquisa. As questões

visavam obter informações sobre as plantas medicinais como as indicações, as formas de preparo, os usos e etnobotânicas. A técnica da lista livre foi adotada, através da qual cada informante listou individualmente as espécies utilizadas para fins terapêuticos (ALBUQUERQUE et al., 2010). Todos os participantes desta pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), depois de discutido e aprovado.

### 3.3. IDENTIFICAÇÃO BOTÂNICA E ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização da pesquisa foi verificada as principais plantas citadas pelos entrevistados e a partir daí foi realizada as identificações vegetais. As amostras vegetais foram coletadas por meio de turnê guiada, pois segundo Albuquerque et al. (2010) consiste em fundamentar e validar os nomes das plantas citadas durante o preenchimento dos questionários.

A coleta e herborização do material botânico seguiram as técnicas descritas por Ming (1996). A identificação da espécie foi feita por meio de “chaves de identificação” e textos taxonômicos ou por meio dos espécimes coletados com fotos de exsicatas e/ou plantas vivas cujas imagens estavam disponíveis nos sites: Flora do Brasil 2020 e TROPICOS. ORG. do Missouri Botanical Garden. Após a identificação, a exsicata foi depositada na coleção biológica do Herbário do Instituto Federal do Pará (IFPA)-Campus Abaetetuba. A seguir, a figura 2 mostra a construção das exsicatas que foram depositadas no Herbário do IFPA-Campus Abaetetuba.



Figura 2. Construindo as exsicatas no Herbário do Instituto Federal do Pará-Campus Abaetetuba para serem depositadas no Herbário.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os colaboradores incluídos nessa pesquisa foram três homens e oito mulheres, todos acima de 48 anos de idade, sendo quatro com mais de 70 anos, seis acima de 60 anos e um com 48 anos. O predomínio das mulheres corrobora com vários estudos etnobotânicos que apontam a diferença entre gêneros e apontam o conhecimento sobre as plantas medicinais, predominantemente entre o gênero feminino (NETO, 2018; VIU et al., 2010; PENIDO, 2016; FAGUNDES, 2017; SILVA, 2018). Em relação à faixa etária, segundo Viu et al. (2010) quanto maior a idade do entrevistado, maior o conhecimento que este possui sobre as plantas usadas para fins terapêuticos.

No que se refere ao grau de escolaridade, apenas um informante tinha graduação e os demais apresentaram baixo nível de escolaridade, pois cursaram apenas o ensino fundamental incompleto. Levantamento etnobotânico realizado no município de Oliveira Fortes (MG) encontrou taxa de analfabetismo de 22% (NETO, 2018) e em uma comunidade rural piauiense 32,4% de não escolarizado (SILVA, 2011). Fatores como trabalho na agricultura, a coleta do açaí e a idade avançada foram citados pelos informantes como limitantes para prosseguir com os estudos.

Todos os entrevistados tinham mais de 20 anos de permanência na comunidade, sendo que o maior tempo de moradia foi de 76 anos e o menor de 21 anos. Medeiros et al. (2014) afirmam que o conhecimento a respeito da flora é construído através das interações entre pessoas e os recursos naturais, e quanto maior o tempo de contato maior será o conhecimento.

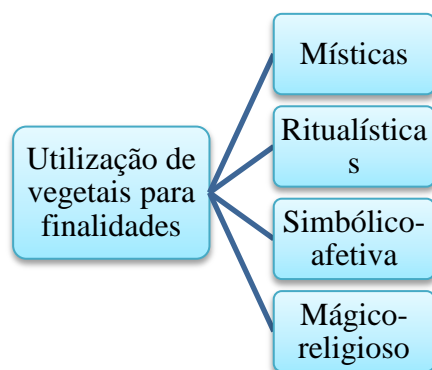
Os colaboradores foram unânimes em citar seus familiares como principais transmissores de conhecimento sobre as plantas medicinais, sendo a mãe a figura mais representativa. Ainda houve um participante que citou uma parteira como fonte de ensinamento a respeito do uso terapêutico das plantas.

Entre as mulheres, uma é reconhecida por ter o dom de benzer, tratando não só males do corpo, mas também do espírito, essas funções lhes conferem mais credibilidade acerca do

conhecimento das plantas medicinais que possuem. Na comunidade eles são referência entre os moradores como detentores de grande conhecimento da farmacopeia local, pois apenas na casa da senhora benzedeira, 31 espécies de plantas medicinais foram coletadas.

Foram citadas 55 etnoespécies, sendo que 52 foram identificadas botanicamente, distribuídas em 27 famílias e 41 gêneros. As famílias que se destacaram neste estudo como as mais representativas foram Lamiaceae (8 espécies), Euphorbiaceae (4 espécies), Bignoniaceae, Asteraceae, Rutaceae, Zingiberaceae e Fabaceae com (2 espécies cada). A predominância de Lamiaceae também foi observado em levantamentos etnobotânicos realizados no município de Abaetetuba-PA na comunidade Rio Urubueua de Fátima (GOIS, 2016), município de Uruará-PA (CAJAIBA, 2016) e no município de Oliveira Fortes-MG (NETO, 2018). A grande representação dessa família nos estudos etnobotânicos pode ser atribuída à diversidade vegetal de Lamiaceae, pois abrange 300 gêneros e 7500 espécies, que podem ser encontradas tanto em regiões tropicais quanto em regiões temperadas. Desse total, 46 gêneros e 524 espécies ocorrem no Brasil (SOUZA, 2008).

Para Silva et al. (2018), os estudos etnobotânicos sobre o uso de plantas indicam a:



Pois segundo estes mesmos autores estas finalidades para qual são utilizadas contribuem para a expansão do etnoconhecimento dentro da pluralidade de usos dos vegetais.

A relação dos seres vivos com os vegetais perpassa a sua utilização como fonte de energia ou cura, mas também, em busca de vibrações e irradiações energéticas ou como oferendas às entidades espirituais (GOMES et al., 2008). Os moradores da Ilha Trambioca incluídos nessa pesquisa, relataram que a planta dinheiro em penca deve ser plantada,

principalmente na frente da casa, pois chama fortuna (dinheiro) e quebra a força do mau olhado daqueles que tem como objetivo fazer uma visita para curiar (observar de forma maldosa). Na tabela 1 encontram-se listadas as plantas que foram citadas como místicas, pelos participantes dessa pesquisa.

Tabela 1. Aspectos etnobotânico das plantas medicinais utilizadas na ilha Trambioca.

Nome Popular	Família	Nome científico	Parte Usada	Indicação	Modo de preparo
Cipó alho	Bignoniaceae	<i>Mansoa standleyi</i> (Steerm.) A.H.Gentry	Folhas	Tira mau olhado (1) Espanta os espíritos (1) Dor de cabeça (2)	(1) Banho: cozinhar a folha do cipó alho juntamente com a folha de cedro e acrescentar água benta. (2) Aquecer as folhas e colocar em um pano branco e colocar na cabeça a noite.
Pião roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Leite/ Ramos	Boqueira (1) Benzer (2)	(1) Colocar o leite diretamente na boqueira. (2) Para benzer: cortar 3 ramos e acompanhado de uma oração, benzer o corpo e tirar o que não presta, descarregar.
Dinheiro em pença	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus pulcher</i>	Folhas/flor	Dar sorte e traz dinheiro	Banho: Preparar o banho fervendo as folhas em fogo a lenha e brando. Tomar o banho no final do dia, preferencialmente antes de dormir. A árvore deve ser plantada na frente da casa.
Capacete de jurema	Poaceae	<i>Cenchrus sp.</i>	Folhas	Mal olhado Mandinga	Banho: ferve as folhas e coloca cânfora e água de cheiro.
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folhas/Ramos	Dor de cabeça (1) Mau olhado (2) Quebranto (2) Problemas intestinais (3)	(1) Triturar as folhas e misturar com pó de café e cebo de Holanda. Essa mistura coloca num pano branco e põe nas fontes. Pode também colocar as folhas de arruda no álcool e passa na cabeça. (2) Benze: ramos e mais a reza. (3) Chá das folhas.
Corre atrás	Não identificada	Não identificada	Folhas	Procurar emprego	Banho: ferver as folhas de corre atrás e acrescentar cachaça, água de colônia e chama. Tomar o banho antes de sair para procurar emprego.

A principal forma de uso das plantas para fins ritualísticos foi o banho, preparado usando as folhas. Resultado semelhante foi encontrado em estudo de etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna (Bahia) (Pires et al., 2009). Entretanto, destaca-se que arruda foi a única planta comuns aos dois estudos.

Em relação ao uso das plantas, Segundo Souza et al. (2012), Ossain é a divindade “dona das ervas”, a quem se pede permissão para colhê-las, embora cada orixá tem suas plantas específicas, o que remete a um complexo sistema classificatório das plantas utilizadas em ritual. A Arruda (*Ruta graveolens* L.) (figura 3) é a planta dedicada a Exú e citada em diversos estudos, amplamente utilizadas na medicina popular (CARMO et al., 2015). Veja a seguir a figura 3 da planta Arruda (*Ruta graveolens* L.).



Figura 3. A planta arruda cultivada em quintais na comunidade Ilha Trambioca.

Na Ilha Trambioca a arruda tem múltiplas funções, pois serve para cuidar da saúde biologicamente e dos males espirituais. Esses resultados corroboram com os achados de Lorenzi e Matos (2002) que apresentaram a mesmo espécime como uma planta mágica utilizada em rituais de proteção e farmacologicamente, com ação antihelmíntica, febrífuga, emenagoga e abortiva. Lobato et al. (2017) diz que a *R. graveolens* é muito respeitada por afastar as energias negativas do quintal que, ao ser protegido, impõe a mesma proteção para o interior da moradia, ou seja, os cuidados místicos se iniciam no quintal para que “coisas ruins”, especialmente inveja e mau olhado, não entrem na moradia da família, por isso ela é simbolizada como sagrada.

Um estudo realizado com plantas medicinais e ritualísticas na feira 25 de setembro, Belém (PA) registraram 13 finalidades de uso para as ervas ritualísticas e arruda foi descrita como a mais comercializada (CARMO, 2015). Nesse contexto, percebe-se que a *R. graveolens* faz parte da vida diária de muitas famílias, seja para cuidar da saúde ou da autoestima.

A espécie Cipó alho (*Mansoa standleyi* (Steud.) A.H.Gentry) (Figura 4) é conhecida no Estado do Pará pelo nome popular “cipó d'alho”, ela é uma planta que pode ser cultivada em quintais e jardins para uso medicinal e ornamental (ZOGHBI et al., 2008). Segundo Costa e Mitja (2010) é um vegetal de usos medicinais, alimentícios e também de uso mágico. A seguir figura 4 do cipó alho.



Figura 4. A planta Cipó alho cultivada em quintais na comunidade Ilha Trambioca.

Cipó alho e Dinheiro em penca (figura 5) contribuem para proteção da casa e devem ser cultivadas próximas da porta, confere sensação de segurança aos proprietários. Um estudo desenvolvido por Lobato et al. (2017) em quintais urbano, na cidade Abaetetuba-PA, percebeu-se que o bem estar pessoal e a tranquilidade do lares eram atribuídos, também, da proteção e positividade transmitida pelas plantas. Veja abaixo a figura 5 da planta Dinheiro em penca.



Figura 5. Planta Dinheiro em penca plantada na frente da casa de uma moradora na Ilha Trambioca.

O Pião roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) (figura 6) segundo Ferreira & Tavres-Martins (2016), é indicado para banhos atrativos, de descarrego, para proteção e para benzer. Segundo a



benzedeira que participou dessa pesquisa, benzer envolve a fé e a planta utilizada, o que está em consonância com Silva et al. (2018) que descreve a prática da benzeção como uma expressão da cultura popular que envolve o desdobramento tanto de aspectos do catolicismo quanto da medicina popular para a resolução de questões relacionadas à saúde. Veja a seguir a figura 6 do Pião roxo.



Figura 6. A planta Pião roxo cultivada em quintais na comunidade Ilha Trambioca.

A diversidade vegetal na Amazônia brasileira é tao vasta que muitas espécies, embora utilizadas nas comunidades, ainda foram catalogadas e documentadas (figura 7). Na feira 25 de Setembro, Belém (PA) das 148 etnoespécies citatadas pelos feirantes como medicinais e ritualísticas, 46,6% não foram ideficadas em nível de espécie (Carmo et al., 2015). Abaixo estão as figuras das plantas Capacete de jurema e Corre atrás.

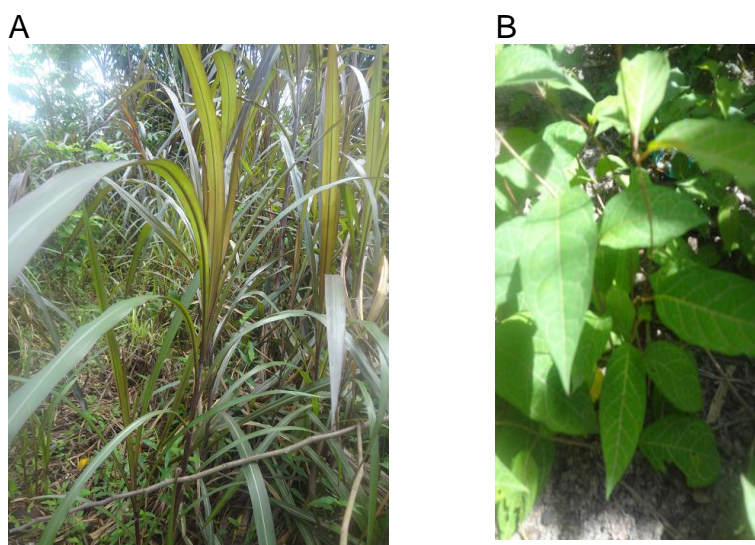


Figura 7. As plantas Capacete de Jurema e Corre atrás cultivada em quintais na comunidade Ilha Trambioca.

A planta Capacete de jurema tem um local reservado no quitai de uma das participantes dessa pesquisa. Segundo a colaboradora “Capacete de jurema só pode ser usada para benzer quando nenhum outro ritual funcionou ou não solucionou o problema. A energia ou poder contido nessa planta é muito grande”.

No presente estudo foram identificados duas utilizações das plantas místicas, sendo uma mais relacionada proteção espiritual (tirar o mau olhado, espantar os espíritos e benzer) e a outra relacionada a problemas mais práticos, como procurar emprego e adquirir fortuna. Entretanto, na comunidade quilombola João Grande em Viseu (PA), males como panemice, bucho virado e feitiço foram relatados e as plantas usadas diferentes das citadas pelos moradores da Ilha Trambioca (SILVA e ROSAL, 2017). Essas discrepâncias podem está relacionadas a cultura e a flora da comunidade pesquisada.

A formação do Curso Educação do Campo foi fundamental para deasenvolvimento da pesquisa. Com a formação adquirida neste curso foi possível uma maior facilidade para realizar a pesquisa sobre o tema escolhido, pois nele estão pessoas que também têm a vivencia da realidade camponesa vivida pelas pessoas que participaram da pesquisa, por serem extamente deste meio também, porém diferenciados, pois além do conhecimento empírico detêm também o científico, mas permanecem ligados as suas raízes.

## **5. CONCLUSÃO**

A flora medicinal da ilha Trambioca possui elevada diversidade de espécies e seus moradores apresentam grande conhecimento a respeito desta fitofarmacopeia. As diversas formas de preparos e usos dos remédios caseiros produzidos, usando as plantas medicinais, constituem uma alternativa para o tratamento de doenças do corpo e do espirito.

E a constação de tudo isso foi efetivada através do curso Educação do Campo, onde o mesmo possibilita a interação e valorização do discente com sua realidade através de pesquisas

como esta, que permite que o discente perceba que o que ele vive, que o conhecimento que ele possui é tão importante quanto os que já estão registrados.

## 6. AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Pará e ao Herbário do Instituto Federal do Pará-Campus Abaetetuba. Aos Colaboradores que aceitaram participar dessa pesquisa.

## 7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE UP, Lucena RFP, Lins Neto EMF. Seleção dos participantes da pesquisa. In: Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha L. Vital Fernandes Cruz. (Org.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPEEA, 2010. p. 23-37.

ALEXIADES, M. N. Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual. 10<sup>a</sup> ed. New York Botanical Garden, 306p. New York. 1996. ISBN 089-32-74046.

ALMEIDA, M.Z. **Planats medicinais**[online].3ed.Salvador:EDUFBA,2011.ISBN978-85-232-1216-2.Availabla fromSciELO Books<<http://books.scielo.org>>

Amaral DD, Bastos MN, Silva ASL, Oliveira J, Lisboa LRC, Rosário CS, Gomes A, Silva CA, Aguiar J. Inventário da flora da região de Barcarena, Pará. Relatório final. Belém. Ministério da Ciência e Tecnologia, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnoic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. *Journal of Ethnopharmacoly*, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.

ARAÚJO, R.C.P. de; FREITAS, K.S. de; & Albuquerque, R.L.de. 2009. Impactos socioeconômicos do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) sobre os pescadores

artesanais, São Gonçalo do Amarante-CE. SOBER - 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre.

CAJAIBA RL, Silva WB, Sousa RDN, Sousa AS. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Uruará, Pará, Brasil. *Biotemas*. 2016 março; 29 (1): 115-131. doi: 10.5007/2175-7925.2016.

CAMARGO, M. T. L. A. Contribuição ao estudo etnofarmacobotânico das plantas em seu papel na eficácia das terapêuticas mágico-religiosas na medicina popular. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Anais do 13º Seminário de História da Ciência e da Tecnologia, São Paulo. 2012.

CARMO MBS, Costa SMF. Os paradoxos entre os urbanos no município de Barcarena, Pará. *Revista Brasileira Gestão Urbana*. 2016 set/dez; 8 (3): 291-305. doi:10.1590/2175-3369.008.003.A001.

CARMO, T. N.; LUCAS, F. C. A.; LOBATO, G. J. M.; GURGEL, E. S. C. Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira da 25 de setembro, Belém, Pará. Centro Científico Conhecer. *Enciclopédia Biosfera*, v.11, p.34-40, Goiânia. 2015. ISSN: 2317-2606.

COSTA , Joanne R. & MITJA, Danielle. Uso dos recursos vegetais por agricultores familiares de Manacapuru (AM). VOL. 40(1) 2010: 49 – 58.

FAGUNDES NCA, Oliveira GL, Souza BG. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro. 2017; 11 (1): 1-118. doi: 10.5935/2446-4775.20170007.

FERREIRA, Lanalice R.; TAVARES-MARTINS, Ana Cláudia C. Química e etnofarmacologia de plantas místicas em uma comunidade amazônica. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, Vol, 10(3), 220-372, Jul-Set 2016 | e-ISSN: 2446-4775 | www.revistafitos.far.fiocruz.br

FLERCK, E. C. D. POLETTO, R. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *matéria medica missioneira* de Pedro Montenegro (1710). SciELO. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.19, n.4, p.1121-1138, Rio de Janeiro. 2012. ISSN: 1678-4758.

GOIS MAF, Lucas FCA, Costa JCM, Moura PHB, Lobato GJM. Etnobotânica de espécies vegetais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. *Revista Brasileira Plantas Mediciniais*, Campinas. 2016; 18 (2): 547-557. doi: 10.1590/1983-084ZX15\_170.

KINUPP, Valdely Ferreira; BARROS, Ingrid Bergman Inchausti de. Riqueza de Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 63-65, jul.2007.

LOBATO, G. J. M.; LUCAS, F. C. A.; MORAES JÚNIOR, M. R. Estética, crenças e ambiência: as representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos de Abaetetuba-Pará. *Ambiência - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais V.13 N.1 Jan./Abr. 2017*.

LOPES AG, Simonian LTL. Gestão dos recursos naturais na ilha Trambioca: Tendências, desafios e possibilidades. In. Simonian LTL, Lopes AG, Duarte RS, Albuquerque AM, Silva CN (Org.). *Gestão em ilhas de muitos recursos, história e habitantes: experiências na Trambioca* (Barcarena, PA). Belém: NAEA-UFPA; Projeto NAEA/ Fundação Ford, 2004. p. 381.

LORENZI H, MATOS FJA. *Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa, Plantarum. 2002

MARTINS A. G. ; ROSÁRIO D. L. do; BARROS M. N. de & JARDIM M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. *Rev. Bras. Farm.*, 86(1): 21-30, 2005.

MEDEIROS PM, Almeida JL, Albuquerque UP. Etnia, Renda e Escolaridade. In: Albuquerque UP. (Org). *Introdução à Etnobiologia*. Recife, PE: NUPEEA, 2014, 169-174.

MING LC. Coleta de plantas medicinais. In: DI Stasi LC. (Org.). Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MOREIRA, R. de C.T.; L.C. do B.COSTA; R.C.S. COSTA & E.A. ROCHA. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. Acta Farm. Bonaerense 21 (3): 205-11, 2002.

NETO LAG, Gomes FT. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Oliveira Fortes – MG. Ciências Biológicas Saúde. 2018 agosto; 8 (27): 1-17. doi: 10.25242/886882720181319.

NETO, Nivaldo Aureliano Léo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. A Natureza Sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de Candomblé NO NORDESTE DE BRAS IL. AUG 2010, VOL. 35 Nº 8

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva de; TROVÃO, Dilma Maria de Brito Melo. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. R. bras. Bioci., Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, jul./set. 2009

Penido AB, Moraes SM, Ribeiro AB, Silva AZ. Ethnobotanical study of medicinal plants in Imperatriz, State of Maranhão, Northeastern Brazil. Acta Amazonica. 2016; 46 (4): 345-354. doi: 10.1590/1809-4392201600584.

PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S. SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D. C.; ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. UFRGS. *Revista Brasileira de Biociências*, v.7, p.3-8, Porto Alegre. 2009. ISSN 1980-4849.

POSEY, D. A. **Introdução: Etnobiologia: Teoria e Prática.** IN: RIBEIRO, D. (ed), *Suma Etnológica brasileira*. Petrópolis: Vozes/FINEP. V1, Etnobiologia. 15-25 p. 1987.

ROCHA, F. A. G. ARAÚJO, M. F. F. COSTA, N. D. L. SILVA, R. P. O uso terapêutico da flora na história mundial. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *HOLOS*, v.1, p.49-61, Natal. 2015. ISSN 1807-1600

ROCHA, T. T. *Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas pelas comunidades da Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil.* Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, UEPA, Belém. 2014.

SCHARDONG, Roberta Moriconi Freire: CERVI, Armando Carlos. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. *Acta Biol. Par.*, Curitiba, 29 (1, 2, 3, 4): 187-217. 2000.

SILVA, A. J.da R. & ANDRADE, L.de H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 19: 45-60.

SILVA, C. L. F. Uso terapêutico e religioso das ervas. *Caminhos*. v.12, p.79-92, 2014. ISSN 1983-778X.

SILVA MS, Fantini AC, Shanley P. Látex de amapá (*Parancornia fasciculata* (Poir) Benoist, Apocynaceae): remédio e renda na floresta e na cidade. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém. 2011 maio/ago; 6 (2): 287-305.

SILVA, Paulo Henrique; OLIVEIRA, Ykaro Richard; ABREU, Maria Carolina. Entre símbolo e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. *Gaia Scintia*, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2018.

SIMONIAN LTL. Ilha Trambioca através da história: recursos, ocupações humanas e cultura. In: Simonian LTL, Lopes AG, Duarte RS, Albuquerque AM, Silva CN (Org.). Gestão em ilha de muitos recursos, história e hábitos: experiências na Trambioca (Barcarena, PA). Belém: NAEA-UFGA; Projeto NAEA/Fundação Ford, 2004. p. 73-136.

SIMONIAN LTL. Pescadores de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na Ilha Trambioca, Barcarena, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas. 2006 maio/ago; 1 (2): 35-52.

SOUZA APS, Lisboa RCL. Musgos (Bryophyta) na Ilha Trambioca, Barcarena, PA, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 2005; 19 (3): 487-492. doi.org/10.1590/S0102-33062006000100002.

SOUZA, Raquel Ribeiro de; DANTAS, Ivan Coelho; SOBRINHA. Luciana Costa; CHAVES, Thiago Pereira. PLANTAS UTILIZADAS EM FITOMAGIA NA CIDADE DE LIMOEIRO. ISSN 1983-4209 - Volume 07– Número 02 .2012.

SOUZA, V.C.; Lorenzi, H. Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. 3ª ed. Instituto Plantarum, Nova Odessa, São Paulo, 2012, 768p.

TRINDADE, D.C. *As benzedeiras do Amazonas: a atualidade da cura popular na cidade de Parintins*. Anais do VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas. 2012.

VIU AFM, Viu MAO, Campos LZ. Etnobotânica: uma questão de gênero? Revista Brasileira Agroecologia, Porto Alegre. 2010; 5 (1): 138-147.

ZOGHBI, M. G. B.; PEREIRA, R. A. LIMA, G. S. L. & GUILHON, G. M. S. P. Volatiles from *Mansoa standleyi* (Steyerm.) A. H. Gentry. Journal Essential Oil Research. 2008.